

PARA NÃO SERMOS CÚMPLICES

Um gesto de alcance planetário

Consumir e ir às compras parecem-nos acontecimentos banais que têm a ver só connosco, com os nossos gostos, os nossos desejos, o nosso bolso e o nosso direito a não sermos enganados. Todavia, o consumo não é somente um facto privado e não se deve enfrentá-lo pensando unicamente no preço e na qualidade dos produtos. O consumo é um facto que diz respeito a toda a humanidade porque por trás deste nosso gesto quotidiano se escondem problemas de alcance planetário, de natureza social, política e ambiental. Passemos-los em revista começando pelos problemas ambientais.

Consumo que polui

Enormes montões de lixo que todos os dias se acumulam ao lado dos caixotes nas nossas ruas lembram-nos que os consumos geram inevitavelmente resíduos que por sua vez criam sempre problemas de poluição, independentemente do método de os destruir.

Os resíduos finais são talvez o aspecto menos grave do impacto ambiental provocado pelos nossos consumos. Os danos maiores são provocados durante a fase da produção. Na agricultura o uso maciço de fertilizantes e pesticidas está a envenenar os lençóis de água, tornando assim estéreis grandes extensões de terra. Os resíduos líquidos dos estábulos industriais alteram rios e terrenos. Os produtos químicos que nos são vendidos para manter as nossas casas tão limpas e higienizadas envenenam as zonas de produção com substâncias tóxicas de várias origens. O papel, que hoje em dia utilizamos para tudo e mais alguma coisa, está a provocar um preocupante empobrecimento de matas e florestas a nível mundial, e até o papel reciclado, símbolo de atenção ecológica, é uma verdadeira maldição ambiental para as zonas onde se encontram as indústrias de reciclagem.

Para não falarmos também dos gases produzidos pelas centrais eléctricas que produzem a energia necessária para o funcionamento da imponente máquina industrial da nossa sociedade dos consumos. Eis o buraco no ozono que aumenta cada dia mais e o efeito estufa que avança.

Consumo insustentável

→ O pior é que fazemos pagar o preço ambiental também àqueles povos que não participam no nosso banquete. Os novos cancros da pele que estão a aparecer no Chile meridional poderão ser o resultado do buraco no ozono que se formou na Antártida. Porém os gases responsáveis por este fenómeno provêm da nossa parte do planeta.

E é a partir dos aspectos ambientais que nos damos conta de que o nosso estilo de vida entra em concorrência com aquele dos povos do Sul do mundo, que precisam de mais comida, mais roupas, mais meios de transporte, mais casas, mais e melhores estruturas sanitárias, mais maquinários. Tudo isto requer um crescimento produtivo que o Sul poderá **actuar** só se o Norte decidir largar o domínio dos recursos e se conseguir produzir menos resíduos.

→ Por outro lado, foi cientificamente demonstrado que não é possível chegar a um equilíbrio entre Norte e Sul levando toda a população terrestre ao nosso nível de vida, porque se todos os habitantes do planeta consumissem como nós, precisaríamos de mais 5 planetas terra para serem utilizados como fontes de matérias-primas e como lixeiras.

Produto	% consumida no Norte	Quantas vezes o consumo <i>per capita</i> do Norte ultrapassa o do Sul
Alumínio	86 %	19
Papel	81 %	14
Madeira	76 %	10
Energia	75 %	10
Carne	61 %	6
Fertilizantes	60%	5
Cereais	46 %	3
Água potável	42 %	3

Consumo opressor

O nosso consumo prejudica os povos do Sul do mundo não apenas por corroer os seus espaços de desenvolvimento, mas também por contribuir para a sua exploração.

→ Os factos falam por si. Um relatório de 2000 da Comissão para os direitos humanos do Quênia revela que, nas plantações de flores, os trabalhadores sazonais ganham por mês um salário que chega apenas para comprar quatro quilos de farinha de milho.

Uma outra investigação desenvolvida pela associação belga Les Magasin du Monde- Oxfam, nas fábricas do Vietname que trabalham pelas multinacionais têxteis, dos sapatos e dos brinquedos, mostra que são pagos salários mensais de 35 dólares, quando, para satisfazer as necessidades fundamentais de uma família de três pessoas, são necessários 120 dólares.

As coisas não correm melhor na América Central. Eis a descrição de como se trabalha na Mandarin International, uma fábrica de confecções situada numa zona franca do Salvador, dada em 1998 por Neil Kearny, secretário geral do Sindicato Internacional Têxtil:

«Imaginem o cenário: 850 operários, principalmente mulheres, algumas delas muito novas. A fábrica está quente e cheia de pó. Não há água potável e não há possibilidade de refrescar-se porque as casas de banho estão trancadas à chave. De resto, para ir à casa de banho é necessário pedir autorização e é permitido ir só duas vezes por dia, durante um tempo máximo de oito minutos. Se uma operária violar esta regra é logo inserida numa lista e, depois, da terceira vez, despedida. É proibido falar e são frequentes os castigos corporais. As trabalhadoras são espancadas, empurradas, e frequentemente atingidas por objectos lançados pelos capatazes. Quando ficam doentes não tem autorização para ir o médico.

O horário semanal é de 52 horas ou mais. O salário médio é de 25 dólares por mês e uma trabalhadora tem que trabalhar 19 semanas para poder comprar um frigorífico, 17 para uma máquina de lavar roupa, 7 para uma cama. Em muitos casos as mulheres sofrem de desnutrição. As camisas que saem desta fábrica são vendidas a 20 dólares cada uma nos Estados Unidos, mas à trabalhadora que a produziu só chegam 12 cêntimos.»

Uma operária de Haiti que trabalhava numa fábrica de têxteis dependente da Walt Disney, confirmava, em 1998, as mesmas dramáticas condições de trabalho:

« Levanto-me todos os dias às cinco da manhã e só regresso a casa por volta das seis da tarde, depois de dez horas de trabalho. Ganho 26 gourdes por dia, mas 18 vão-se logo na renda e 26 para o carvão para cozinhar. O almoço custa-me entre 10 e 15 gourdes e para ir ao trabalho

gasto mais 5 gourdes. Enfim, antes de começar o meu dia já gastei mais do que aquilo que ganho.

Pagam-me à sexta-feira mas, ao domingo, já não tenho mais dinheiro para dar de comer aos meus filhos. Consigo fazer com que sobrevivam dando-lhes água com açúcar.

O depósito de água que temos na fábrica nunca foi limpo desde que foi instalado há dois anos atrás. Encontraram lá dentro até ratos mortos.

Nem sequer me passa pela cabeça inscrever-me no sindicato. Outras companheiras minhas que o fizeram foram logo despedidas.

Disseram-me que supostamente estas coisas não deveriam acontecer uma vez que a Disney adoptou um código de conduta, mas visto aquilo que se passa aqui, acho que não o respeita.»¹

Infelizmente, por trás de muitos produtos que consumimos, existe de facto trabalho infantil, muitas vezes em condições de total escravidão, como no caso de alguns tapetes provenientes da Índia ou do cacau produzido em algumas plantações da Costa do Marfim. Em 2002, a associação americana Human Rights Watch registou numerosos casos de trabalho infantil também nas plantações de bananas do Equador. O mesmo relatório especifica também que as crianças correm o risco de ter muitos acidentes porque estão empregues em tarefas muito perigosas como a limpeza do terreno com o machado e a rega com pesticidas tóxicos. De resto muitos pesticidas são irradiados nas plantações enquanto os agricultores estão a trabalhar. Hoje em dia milhares de trabalhadores da América Central estão em luta com as multinacionais da banana para obter uma indemnização pelos prejuízos causados pelo DBCP, um potente vermífugo que provoca esterilidade nos homens e mutações genéticas nos recém-nascidos.

Estratégias para a mudança

Agora temos que escolher.

Se quisermos sustentar guerras, a destruição do planeta, a exploração, a corrupção, a opressão, só temos que continuar a consumir sem pensar como estamos a fazer.

Porém, se quisermos salvar o planeta, incentivar a justiça, a participação, a não-violência, então temos que consumir menos e temos que nos distanciar das empresas que se comportam de forma iníqua.

Por outras palavras, temos que nos meter no caminho da sobriedade e do consumo crítico.

Vítimas do consumismo

→ Para sustentar a nossa escolha consumista, nós do Norte, que representamos apenas 20 % da população mundial, consumimos 80 % dos recursos da Terra. Assim, condenamos o resto da humanidade a viver na pobreza e estamos a deixar aos nossos netos e filhos um planeta inabitável.

Porém, se olharmos bem, vamos ver que somos nós a verdadeiras vítimas do consumismo: vivemos cheios de lixo à nossa volta, enfrentamos quotidianamente distúrbios alimentares causados pela excessiva quantidade de comida que temos à nossa disposição, e somos afectados por centenas de neuroses provocadas pela vida frenética que levamos. Por isso temos mil boas razões para procurar uma forma de viver mais sóbria, o que não significa necessariamente voltar a acender velas ou à morte por tétano....

A sobriedade é um estilo de vida que sabe distinguir entre as necessidades reais e aquelas impostas e que se organiza a nível colectivo para garantir a todos a satisfação das necessidades fundamentais com o menor gasto de energia, que dá às exigências do corpo o justo peso, sem por isto esquecer as exigências espirituais, afectivas, intelectuais e sociais do ser humano.

¹ WDM in Action, Março 1998

Os quatro R

A sobriedade baseia-se em quatro imperativos que começam todos com a letra “R”.

O primeiro é “reduzir”, ou seja limitar-se ao essencial.

O segundo “recuperar”, ou seja reutilizar o mesmo objecto até quando for possível usá-lo e reciclar tudo aquilo que pode ser regenerado.

O terceiro é “reparar”, ou seja, não deitar fora objectos mal tiverem um pequeno problema.

Porém é o quarto que está na base de tudo o resto: “Respeitar”.

Só respeitando profundamente o trabalho dos outros conseguiremos tratar bem as coisas que tornam a nossa vida possível.

Reduzir

A sobriedade impõe fazer uma escolha de qualidade e quantidade.

Se seleccionarmos os produtos com base na qualidade vamos dar-nos conta de que muitos deles serão de rejeitar por serem nocivos. Rejeitaremos outros por serem inúteis. Por isso, cada vez que estamos para comprar algo temos que pensar se isto irá satisfazer uma necessidade real ou uma necessidade induzida pela publicidade ou por outra forma de condicionamento.

No que respeita aos produtos úteis, temos que nos questionar acerca da quantidade. Comemos demais e deitamos fora demasiadas sobras; acumulamos demasiada roupa; usamos o carro demasiadas vezes, mesmo quando poderíamos andar a pé, de transportes públicos ou de bicicleta.

É claro que não devemos limitar-nos a rever os nossos consumos privados, mas também aqueles colectivos, porque também entre estes há muitos que são danosos e supérfluos. Com certeza deveríamos eliminar os armamentos, mas também teríamos que desperdiçar menos energias para iluminar as cidades, teríamos que nos contentar com comboios menos rápidos e menos luxuosos e construir menos estradas. Até no âmbito da saúde teríamos que nos tornar mais sóbrios, enfrentando as doenças não apenas com a ciência, mas também com uma diferente concepção da vida e da morte.

O desafio que nos espera nos próximos anos é sabermos reconhecer as necessidades fundamentais e sabermos garanti-las a todos, apesar de termos menos coisa à nossa disposição.

Recuperar através da reciclagem

Em 1970 um grupo de estudiosos reunidos no “Grupo de Roma” tornou-se famoso por ter anunciado ao mundo uma coisa óbvia: os recursos da Terra não são infinitos e com este ritmo de consumo esgotarão muito rapidamente. Dados mais recentes indicam que temos ainda reservas de cobre para os próximos 36 anos, de zinco para os próximos 22 e de chumbo para os próximos 21 anos.

Uma maneira para evitar o esgotamento dos recursos naturais é a reciclagem. Assim resolver-se-ia parcialmente também o problema da eliminação dos resíduos. As estatísticas afirmam que está a aumentar o hábito da reciclagem, mas temos ainda muita estrada por fazer para chegarmos a um nível satisfatório.

Portugal tem uma baixa taxa de reciclagem²: em 2002, apenas foram recicladas 15 por cento das embalagens urbanas, o que é um valor "muito inferior" à meta estabelecida pela Comissão Europeia para 2005 (25 por cento das embalagens comercializadas). Nas embalagens de plástico a situação é ainda pior, já que só foram recicladas 1,6 por cento das embalagens, quando a meta para 2005 é de 15 por cento.

É evidente que muitas empresas ainda não recorrem ao uso de material reciclado, e muita gente continua a achar muito mais simples e confortável deitar todos os resíduos num único grande saco de plástico e despejar num só caixote ao pé da porta de casa.

² Fonte: QUERCUS – Associação Nacional de Conservação da Natureza, 2003.

Reutilizar

A sociedade dos consumos habituou-nos a deitar fora objectos ainda funcionantes ou em boas condições só porque estão fora de moda ou por não estarem na vanguarda da tecnologia. Porém, para continuarmos no caminho da sobriedade temos que nos libertar deste tipo de condicionamento, aprender a utilizar o mesmo objecto enquanto ele está em boas condições e habituá-nos a recorrer mais vezes ao mercado das coisas em segunda mão.

É importante que também as empresas entrem na *forma mentis* do reutilizar, deixando de nos apresentar produtos com tantas embalagens descartáveis que, para além de desperdiçar recursos importantes, geram uma quantidade enorme de resíduos.

Podemos induzir as empresas a fazer escolhas diferentes preferindo os produtos com embalagens leves e em material reciclado, as bebidas em garrafas de vidro, adquirindo produtos vendidos a granel em vez de produtos embalados.

Reparar

Quando se repara um objecto estamos a tentar prolongar a sua utilização mesmo quando parece que já não pode cumprir a sua função.

No Sul do mundo reparar é uma coisa normal, e também era normal aqui no nosso hemisfério em tempos não muito remotos. Hoje em dia isto torna-se cada vez mais difícil, porque os objectos são pensados e construídos para serem substituídos e não reparados.

Esforcemo-nos para comprarmos produtos resistentes e insistamos em repar qualquer tipo de coisa: do carro à bicicleta, da roupa aos sapatos. Assim contribuiremos localmente para manter vivas profissões e trabalhos que estão a correr riscos sérios de desaparecimento, vista a grande concorrência das multinacionais do descartável. E se aprendermos a reparar sozinhos as nossas coisas vamos ter mais controlo sobre a nossa própria vida.